

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 11, número 1 (2020)
ISSN: 2177-2886

Artigo

Ciberespaço, T-lovers e Travesti: A Emergência de Novas Dinâmicas no Território de Prostituição de Travestis no Bairro da Glória – RJ

*Ciberespacio, T-lovers y Travesti: La Urgencia de
Nuevas Dinámicas en el Territorio de la Prostitución
Travesti en el Bairro da Glória - RJ*

*Cyberspace, T-lovers, and Travestis: The Emergency
of New Dynamics in the Transvesti Prostitution
Territory in the Neighborhood of Gloria (RJ)*

Ivan Ignácio Pimentel

Universidade Federal de São João Del Rei – Brasil
ivanpimentel@ufsj.edu.br

Ana Carolina Santos Barbosa

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da
Silveira - Brasil
geog.carolina@hotmail.com

Como citar este artigo:

PIMENTEL, Ivan Ignácio; BARBOSA, Ana Carolina Santos. Ciberespaço, *T-lovers* e Travesti: A Emergência de Novas Dinâmicas no Território de Prostituição de Travestis no Bairro da Glória – RJ. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 11, n. 1, p. 216 - 236, 2020. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Ciberespaço, T-lovers e Travesti: A Emergência de Novas Dinâmicas no Território de Prostituição de Travestis no Bairro da Glória – RJ

Ciberespacio, T-lovers y Travesti: La Urgencia de Nuevas Dinámicas en el Territorio de la Prostitución Travesti en el Bairro da Glória - RJ

Cyberspace, T-lovers, and Travestis: The Emergency of New Dynamics in the Transvesti Prostitution Territory in the Neighborhood of Gloria (RJ)

Resumo

Neste artigo buscamos compreender as relações de poder que ocorrem no espaço virtual, sendo estas mais que uma abstração, visto que interferem nos múltiplos meios sociais. Por ser uma questão ainda pouco explorada pelo campo geográfico, argumentamos que o ciberespaço se relaciona com os territórios da prostituição de travesti na Avenida Augusto Severo no Rio de Janeiro, analisando para isso a presença de *t-lovers* através de novas dinâmicas de ocultamento na vivência espacial de masculinidades não hegemônicas. Finalmente, vislumbramos estabelecer uma correlação entre o mundo virtual e o “mundo real”, a partir das relações de poder existentes entre *t-lovers* e travesti, apontando como essas duas dimensões espaciais interagem entre si.

Palavras-Chave: Ciberespaço; Poder; Território; *T-lover*; Masculinidades.

Resumen

En este artículo buscamos comprender las relaciones de poder que ocurren en el espacio virtual, que son más que una abstracción, ya que interfieren en múltiples redes sociales. Como se trata de una cuestión que el campo geográfico aún no ha explorado mucho, pretendemos dilucidar cómo se relaciona el ciberespacio con los territorios de la prostitución travesti en la Avenida Augusto Severo en Río de Janeiro, analizando para ello la presencia de *t-lovers* a través de una nueva dinámica de ocultamiento en la experiencia espacial de masculinidades no hegemónicas. Finalmente, pretendemos establecer una correlación entre el mundo virtual y el "mundo real", basada en las relaciones de poder existentes entre *t-lovers* y travesti, señalando cómo estas dos dimensiones espaciales interactúan entre sí.

Palabras-Clave: Ciberespacio; Poder; Território; T-lovers; Masculinidades.

Abstract

In this paper, we seek to understand the power relations in the virtual space, thought as more than abstractions, since they interfere with multiple social media. As this question is still little explored by geographical studies, we intend to clarify how the cyberspace relates to the territories of transvesti prostitution on Augusto Severo Avenue, in Rio de Janeiro, analyzing for this the presence of *t-lovers*, by means of new dynamics of concealment in the spatial experience of non-hegemonic masculinities. Finally, we aim to establish a correlation between the virtual and the real worlds, based on the existing power relations between *t-lovers* and travestis, pointing out how these two spatial dimensions interact with each other.

Keywords: Cyberspace; Power; Territory; T-lover; Masculinities.

Ivan Ignácio Pimentel, Ana Carolina Santos Barbosa



Introdução

Diante de um mundo marcado por inúmeras transformações proporcionadas, principalmente, pelo advento de novas tecnologias, fruto do contexto da atual fase do processo de globalização, pensar novas perspectivas geográficas que envolvam as múltiplas dinâmicas socioespaciais tornou-se um desafio e tem nos conduzido a refletir sobre as íntimas e imbricadas relações entre o ciberespaço e o cotidiano de diversas parcelas da sociedade.

Enxergar o espaço como lócus dialético, que por excelência é construído por meio de ações e, de modo simultâneo, responsável pela consciência espacial do *homo geographicus*, têm significado, para nós, pensar na seguinte questão central: de que forma as novas relações socioespaciais, atravessadas pela dinâmica do ciberespaço, alteram as relações de poder no território de prostituição de travestis na Avenida Augusto Severo, no bairro da Glória, cidade do Rio de Janeiro.

Para respondê-la, será necessário entender as dinâmicas da comunidade virtual e mais que isso, como estas atualizam e influenciam perspectivas e vivências espaciais, impetrando, inclusive, transformações no território de prostituição e na relação entre *t-lovers*¹ e travestis.

Recuperamos as colocações de Pelúcio (2005) para argumentar que no Brasil não é possível entender as identidades *t-lovers* de forma apartada dos contornos que envolvem as discussões sobre masculinidades. Nas palavras da autora: “os *t-lovers* estão fortemente identificados com a heteronormatividade, trabalham e reforçam a masculinidade enquanto valor simbólico, associando-a sempre à ‘normalidade’, em oposição à homossexualidade, tida como ‘desvio’” (PELÚCIO, 2005, p. 3).

Acrescentaríamos, porém, que essa compreensão não pode perder de vista o horizonte de regulação de corpos, as leituras dominantes que permeiam as construções de gêneros e sexualidades, imbricadas, portanto, no contexto da cisnormatividade, para trazer a categoria trabalhada por Vergueiro (2015).

De forma que, apresentar as características identitárias dos *t-lovers*, como será feito ao longo do texto, é um elemento preponderante para destacarmos a primeira dificuldade encontrada quando começamos a elaborar o artigo – as escassas referências, nas ciências humanas e sociais, notadamente na Geografia. Além deste entrave, apontamos também as limitações que nos foram impostas, no que tange à realização de entrevistas com estes atores no território de prostituição. Não podemos nos furtar às críticas relacionadas aos constrangimentos que nos regulam (enquanto norma), situados no contexto da cis-heteronormatividade, ou seja, é também a partir deste prisma que são sustentadas as bases para o ocultamento dos sujeitos *t-lovers*.

Neste contexto, propusemos como reorientação procedimental a realização desses mesmos diálogos, porém no mundo virtual. Assim, elencamos como ponto de partida um fórum especializado em prostituição de travestis, com a presença de ‘amantes T e T-gatas’ de todo o Brasil. Efetivamos a participação

1 “O termo *t-lover* chegou ao Brasil via rede mundial de computadores, nascido na onda dos movimentos identitários que ganharam força nos anos 80, sobretudo depois do surgimento da aids. Segundo um dos *t-lovers* pioneiros, o carioca Alex Jungle, o termo derivou de *t-girl*, usado por algumas ONGs norte-americanas para se referirem a transgêneros” (PELÚCIO, 2005, p. 3).

através da realização de um cadastro que solicitou a criação de um *nick* (apelido) e uma senha.

Desde maio de 2015, temos visitado o fórum semanalmente e estabelecido contato com *t-lovers* de todo o estado do Rio de Janeiro. A participação no fórum nos proporcionou a criação de redes² que possibilitam, ainda hoje, a realização de conversas e troca de informações sobre a construção da identidade *t-lover* e sua relação com os espaços marcados pela prostituição de travestis – ruas e privês.

O Fórum Elite Acompanhantes³ possibilitou a percepção de que as relações envolvendo o comércio do prazer iam além dos territórios físicos marcados pela prostituição. Essa “nova espacialidade” delineou questionamentos, outras leituras e, por consequência, novas reflexões sobre a estrutura de poder do território de prostituição da Avenida Augusto Severo. Assim, tornou-se necessário repensarmos e ampliarmos nossas investigações para ‘trazermos a luz’ às reconfigurações espaciais em virtude do advento de novas tecnologias e meios de comunicação, como nos alerta Haesbaert (2010)⁴.

Diferentemente do “mundo real”, os contornos que a prostituição adquire no mundo virtual expõe o ‘status’ adquirido pelo *t-lover* mediante a constante exibição de fotos realizadas durante os programas e relatos minuciosos de relações sexuais. Também é corriqueira a espacialização nominal de corpos travestis em determinados pontos da avenida, bem como a utilização de códigos específicos que as classificam de acordo com suas performances durante os encontros.

Para entender essas novas dinâmicas, organizamos o artigo da seguinte forma: no momento inicial, abordaremos o processo de construção do ciberespaço⁵, buscando correlacionar algumas mudanças do cotidiano com a dinâmica do uso de novas tecnologias. Defendemos que, hodiernamente, a lógica virtual tem produzido significativas transformações na relação entre sujeitos e também em suas vivências espaciais, dando novos contornos a todas as dimensões da vida humana.

2 Através do fórum foi possível o contato com dez *t-lovers* que aceitaram contribuir com a pesquisa e responder as questões colocadas através de um questionário semiestruturado entre 2015 e 2016, porém no ambiente virtual. Após muitos diálogos na plataforma, mais cinco *t-lovers* foram entrevistados em encontros presenciais, realizados entre 2016 e 2017. Os cuidados éticos estabelecidos para o desenvolvimento do trabalho incluem, portanto, a preservação de nomes e “nicknames” (utilizados no Fórum Elite), que não serão revelados.

3 Site: Fórum Elite Acompanhantes. Disponível em: <<https://eliteacompanhantes.com.br/forum/index.php>>. Acessado desde Maio de 2015 até os dias atuais.

4 “Trata-se de uma concepção próxima daquela proposta por Dorren Massey (2000 [1991]) do lugar como encontro, conjunção das redes, conexões e cuja especificidade se dá não pela singularidade dos fenômenos em si, mas pela forma como se conjugam” (HAESBAET, 2010, p. 66).

5 “O ciberespaço é um fenômeno que vai além da comunicação no sentido estrito do termo. É mais do que um espaço de comunicação, uma vez que oferece suporte a um espaço simbólico que desencadeia repertórios de atividades de caráter societário, tornando-se palco de práticas e representações dos diferentes grupos que o habitam. E é exatamente esta característica de lócus virtual de interação social que transforma o ciberespaço em uma espécie de laboratório ontológico para os indivíduos que nele experimentam diferentes possibilidades de ser” (GUIMARAES JUNIOR, 1999, p. 113).

Em um segundo momento, analisaremos a presença de *t-lovers* no ciberespaço e a formação de sociedades virtuais, com objetivo de (re)dimensionar os segredos e os enclausuramentos do armário, propostos por Sedgwick (2007). O mundo online e offline pode revelar, portanto, um processo de construção identitária que busca ser ocultado no cotidiano.

Nesse espaço virtual é possível ir além das regras que aprisionam corpos, códigos e modelos comportamentais controlados pelo visível, pelo concreto, pela manutenção da vigilância que historicamente também foi ancorada em padrões dominantes de gênero e de experiência das sexualidades, no sentido do que abordou Foucault (1988).

Por fim, estabeleceremos uma correlação entre o ciberespaço e o território de prostituição de travestis na Avenida Augusto Severo, a fim de demonstrar que as redes, constituídas pelos t-loves através do mundo virtual, provocam rupturas e transformações naquele território de prostituição ampliando, por conseguinte, as dimensões já trabalhadas na Geografia notadamente por Ribeiro (1995), Souza (1995) e Ornat (2008 e 2011).

As Comunidades Virtuais e a Materialização das Relações Sociais

Antes de adentrarmos no universo das comunidades virtuais, torna-se relevante realizarmos um breve apanhado teórico sobre a questão da virtualidade, de modo a correlacioná-la com as múltiplas espacialidades presentes no nosso cotidiano. Etimologicamente, o virtual é retratado como algo que pura e simplesmente não existe, é algo lúdico, que está no imaginário⁶, sem perder a força e a dinâmica de possibilidade de concretização no espaço concreto.

Distante de um elevado nível de complexidade, o virtual refere-se a algo subjetivo que tem a possibilidade de tornar-se real, concreto, mas ainda está no plano das ideias, ou seja, podemos afirmar que o virtual é algo que existe em outra dimensão, sem ter se manifestado no plano físico, o que não quer dizer que sejam coisas desconectadas. Vários fenômenos (relações) que se materializam no plano real, anteriormente foram desenvolvidos pelo viés da virtualidade. Portanto, o virtual pode ser considerado uma importante dimensão abstrata da realidade⁷.

A internet, com sua virtualidade, tornou-se uma extensão da vida em diferentes modalidades, criando acessibilidade a múltiplos locais, favorecendo

6 “A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal.(...) Aqui cabe introduzir uma distinção capital entre possível e virtual que Gilles Deleuze trouxe à luz em *Différence et répétition*. O possível já está todo constituído, mas permanece no limbo. O possível se realizará sem que nada mude em sua determinação nem em sua natureza. É um real fantasmático, latente. O possível é exatamente como o real só lhe falta a existência” (LÉVY, 1996, p. 15).

7 “Esse lugar é construído sobre uma rede de produtos eletrônicos cada vez mais inteligentes e móveis que estão ligando todos no planeta por serviços como *Facebook*, *Twitter*, *Google+* e *LinkedIn*. Em vez de virtual ou de uma segunda vida, a mídia social de fato está se tornando a própria vida – o palco central e cada vez mais transparente da existência humana [...]. “Nós vivemos em aldeias, depois vivemos em cidades, e hoje vamos viver na internet!”. Portanto, a mídia social é como estar em casa; é a arquitetura em que habitamos. Há até um jornal comunitário chamado *The Daily Dot* que é periódico local da web” (KEEN, 2012, p. 10).

a integração e o diálogo constante entre diversificadas pessoas que compartilham de posicionamentos semelhantes, ou até mesmo fantasias condenadas socialmente e moralmente. Dessa forma,

uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de “não-presente”, essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável: em toda parte onde se encontrem seus membros móveis...ou em alguma parte (LÉVY, 1999, p. 20).

A internet consegue unir pessoas desconhecidas de qualquer lugar do globo e estas, por sua vez, podem organizar-se em grupos. Trata-se de um local, onde as delimitações geográficas podem ser reconfiguradas a partir de perspectivas políticas, religiosas ou raciais. Para Mafessoli (1988), as pessoas aderem a movimentos, a grupos que interagem entre si, de acordo com seus interesses e afinidades.

O sentimento e a necessidade de pertencer a algo fortalece esse comportamento individual ‘numa perspectiva coletiva’⁸, e até mesmo narcisista, que nos remonta à necessidade de sermos aceitos. O sentimento de pertencimento é, dessa forma, conjugado a um ambiente de maior segurança, à possibilidade de expressar opiniões e a contar com o interesse dos demais integrantes do grupo. Uma vez que todos interagem através de assuntos afins, os inseridos nesse grupo se tornam menos inibidos para se posicionarem a respeito de determinado assunto.

A aproximação entre os membros da comunidade não ocorre somente através do computador doméstico, pois novos suportes foram desenvolvidos de modo a possibilitar uma conexão constante e contínua com o ‘espaço virtual’. Assim, no atual contexto, podemos permanecer entre os membros da comunidade a quantidade de tempo que desejarmos, ou a quantidade de tempo que tivermos disponível, em diferentes espacialidades ao longo das vinte e quatro horas do dia.

Isso pode representar uma fuga, uma aventura, um disfarce ou uma brincadeira, mas, ao mesmo tempo, pode simbolizar a possibilidade de representar o ‘eu’ em um novo cotidiano, com outros discursos e práticas que muito se distanciam do ‘eu’ vivido no que poderíamos chamar de ‘mundo real’, possibilitando, portanto, o desenvolvimento de redes de solidariedade e de compartilhamento envolvendo diversos indivíduos que têm na dimensão do

8 “A última figura do individualismo não reside numa independência soberana associada, mas sim nas ramificações e conexões em coletivos com interesses miniaturizados, hiperespecializados: reagrupamento de viúvos, de pais de filhos homossexuais, de alcoólatras, de gogos, de mães lésbicas, de bulímicos. É preciso recolocar Narciso na ordem dos circuitos e redes integradas: solidariedade de pequenos grupos, participação e organização em trabalhos voluntários, “redes situacionais” não contradizem a hipótese do narcisismo, na verdade, confirmam sua tendência (...). Narcisismo coletivo parece-nos porque somos semelhantes, porque somos sensibilizados pelos mesmos objetivos existenciais” (LIPOVETSKY, 2005, p. XXIII).

ciberespaço um local de convergência, estreitamento e possibilidade de assumir novas identidades.

É a partir dessas ‘comunidades especializadas’ que muitos atores sociais desenvolvem um ‘portfólio virtual de sociabilização’, uma espécie de credencial que possibilita a capacidade de interagir, participar de diversas comunidades e tornando a ideia de sociabilidade algo bastante flexível. Para Bauman (2005), o contexto atual da sociedade é marcado pela volatilidade, ou seja, pela rapidez com que as relações se fazem e desfazem. Assim, o interesse ou não em permanecer em uma comunidade muitas vezes está vinculado à decisão de apertar uma tecla que defina ou não a sua continuidade. Isso demonstra que a criação de laços de solidariedade é bastante frágil ou líquida.

Temos como exemplos deste comportamento ‘tribal’ o sucesso de sites que se consagraram graças a essa tendência, como o *Orkut*, *Facebook*, *My Space*, *Hi 5*, dentre tantos outros, que são uma extensão do relacionamento humano no ciberespaço. Para além destes, gostaríamos de destacar o ‘*Second Life*’, pois como o próprio nome evoca, existe ali uma sugestão ou possibilidade de experimentar uma segunda vida. É interessante observar um local que convida as pessoas a se reinventarem e exporem novas possibilidades de si mesmas.

O que vai ao encontro da necessidade imposta ao *t-lover*, em uma sociedade marcada pela norma cisgênera e por moralismos, de ocultar relações, prazeres, enfim experiências que extrapolam as representações biologizantes e estreitas de gênero. Vale lembrar que os sujeitos em tela neste artigo não carregam em seus corpos as marcas das transgressões do padrão estabelecido e podem, por conseguinte, dar novas roupagens ao ‘armário’, desta vez recorrendo aos artifícios da virtualidade.

Assim, para compreendermos as espacialidades vividas a partir de uma identidade ocultada, nada melhor do que recorrer à dinâmica do ciberespaço, dimensão espacial na qual os *t-lovers* assumem posicionamentos sem serem considerados vigiados, protegidos das violências materializadas em ofensas dirigidas às ‘masculinidades marginais’. Os próprios entrevistados relatam o medo de serem chamados de ‘viados’ ou perderem o status de homens de família que os mesmos possuem diante de toda a sociedade.

Após fazermos essa breve discussão sobre o conceito de virtualidade, o processo de formação das comunidades virtuais e os seus rebatimentos na perspectiva de criação de novas espacialidades, na próxima parte do texto buscaremos fazer uma breve análise sobre o ‘*show do eu*’ na comunidade virtual entre *t-lovers* e *t-gatas*. Os novos desdobramentos do debate têm íntima relação com as múltiplas perspectivas de desejo que a ampliação da vitrine, agora entendidas através dos fóruns, trazem para a dinâmica da prostituição.

T-lovers e o Ciberespaço: do Ocultismo ao “Show do Eu”

Ao refletirmos sobre a virtualidade e o cotidiano da atividade de prostituição, constatamos que a nossa investigação deveria ganhar novos contornos, a fim de entender como as relações na própria Augusto Severo estavam mudando. Em um primeiro momento, nos lembramos de algumas ponderações sobre a segurança (afinal, é impossível ignorar as adversidades e violências vividas no contexto da prostituição de rua) e a própria ampliação da

renda das travestis, através dos programas fechados em função de propagandas feitas no fórum.

As dinâmicas da rua lidas a partir dos territórios flutuantes, como nomeou Souza (1995), para referenciar as múltiplas funções e estéticas que aquele território pode assumir ao longo de 24 horas, são neste momento atravessadas pelas tecnologias e possibilidades de um contato virtual, que não precisa mais estar preso ao período noturno, por exemplo.

Assim, antes de abordarmos diretamente a dinâmica do ciberespaço, é preciso compreender como as concepções de masculinidade hegemônica abrem as possibilidades de subversões, na medida em que marginalizam formas de existência que não cabem no modelo dominante de prazer, que construiu, nesta perspectiva, o ideário excludente e violento do “ser homem”.

Amparada pela antropologia social e cultural, bem como por grande parte das novas pesquisas históricas e sociológicas sobre masculinidade (e a feminilidade), Badinter (1993) defende que não existe um modelo masculino para todos os tempos e lugares. Esta definição nos é cara, pois corrobora com a correlação feita entre identidade e espaço. De forma que, para entendermos as existências, devemos acionar o componente espacial que dá visibilidade e concretude às masculinidades, sejam estas hegemônicas (conforme o compreendido no âmbito dos *men's studies*⁹) ou dissidentes.

Em Costa (1995), observamos que heterossexuais, homossexuais, bissexuais, perversos, normais, anormais, doentes, sadios ou desviantes sexuais não existem na natureza, nem dependem exclusivamente de pretensos fatores biológicos para serem reconhecidos como realidades subjetivas particulares. Em outras palavras, homossexuais e heterossexuais não são realidades linguísticas ilusórias ou delirantes, são identidades socioculturais, que condicionam nossas maneiras de viver, sentir, pensar, amar e sofrer.

Assim, mesmo sem querer homogeneizar as identidades que são atravessadas por outros marcadores sociais e dimensões da vida, trazemos a partir das observações no fórum, dos diálogos com os colaboradores desta pesquisa e de Pelúcio (2005), uma autodefinição que os coloca como homens que se sentem atraídos por travestis ou trans e que, ainda nas palavras deles, se caracterizam por uma atração por ‘mulheres perfeitas’, uma vez que conjugam elementos da feminilidade (cisgênera)¹⁰ com “algo a mais”.

Essa autodefinição não é trazida para problematizar as identidades travestis e trans e sim para sugerir os contornos do desejo que não obedecem ao conceito de masculinidade lido por lentes instituídas sob as bases da cisnormatividade. Benevides (2019), por exemplo, coloca a necessidade de desconstruir a obtenção de prazer através somente da relação essencialista pautada em uma “heterossexualidade biologizante” e hegemônica entre homens e mulheres, abrindo para novas possibilidades de masculinidades, desassociando homossexualidade e heterossexualidade do ato de ser passivo ou

9 Badinter (1993) utiliza a perspectiva do *men's studies*, rejeitando a ideia de masculinidade única.

10 Grifo nosso. Pois assim como foram apontadas as múltiplas masculinidades por Badinter é preciso marcar as múltiplas feminilidades, incluindo a que foi feita padrão. Portanto, as identidades não são entendidas a partir de parâmetros binários ou mesmo a partir de perspectivas estritamente biologizantes.

ativo¹¹. Nas palavras da autora, “a heterossexualidade trans é diferente da *cis-centrada*”.

Voltamos às autoidentificações feitas pelos sujeitos da pesquisa que deixam clara a distância entre a identidade *t-lover* e o universo homossexual, através das concepções de prazer que buscam nas relações de prostituição com ‘mulheres com peito e pau’.

A justificativa de ampliação do debate coaduna com as novas “formas de concretude” que esta masculinidade experimenta nas relações entre *t-lovers* e *t-gatas*, ou seja, os atores do território de prostituição. As transformações tecnológicas implicam em outras dinâmicas de comunicação/avaliação e até mesmo uma nova cartografia das territorializações lidas por clientes e desempenhada pelas prostitutas.

Entretanto, vale lembrar que as dificuldades de fazer as entrevistas evidenciadas no início do texto, têm relação direta com o objetivo de ocultamento (no ‘cotidiano concreto’) da identidade exercida pelos *t-lovers*, que mesmo sendo ‘*insiders*’ nos territórios de prostituição por realizarem programas com as travestis, procuram manter a discrição como elemento central, e acabam, em grande parte das vezes, reproduzindo no tecido social um discurso que pretende reafirmar uma vertente cisgênera e heteronormativa.

Diante das dificuldades encontradas, obtivemos o entendimento de que a nossa investigação deveria ir além do ‘espaço da rua’ para, dessa forma, encontrarmos outras possibilidades de diálogo nas quais os *t-lovers* pudessem encontrar maior segurança para falar abertamente sobre seus desejos, experiências e relações com os territórios de prostituição.

Esse ‘clube de *t-lovers*’ foi encontrado no ciberespaço, mais especificamente no ‘Fórum Elite Acompanhantes’, comunidade virtual que conta com membros de todos os estados do Brasil e de alguns países, como Espanha, França e Itália. Nessa plataforma, *t-lovers* partilham tramas, singularidades e localizam através do ciberespaço os inúmeros territórios de prostituição espalhados pelo Brasil e pelo mundo.

Ao visitarmos o fórum, observamos a sua relação direta com outro site, conhecido como ‘Avantajadas’ (uma espécie de janela pop up), que se caracteriza por apresentar vídeos envolvendo relações sexuais entre *t-lovers* e travestis. Nessa perspectiva, dialogamos com Castells (2003) para estabelecer uma relação entre as novas dinâmicas pornográficas e espaço virtual, pois

o segundo grande desenvolvimento é o vídeo pornográfico e a introdução de material imoral na Internet; isto é, o tipo de conteúdo geralmente proibido nos meios de comunicação em massa. Nessa área a Internet oferece uma alternativa real. O intrigante, contudo, é que há uma abundância de pornografia na TV paga e nas lojas de vídeo das vizinhanças. Em sua maioria, os sites de pornografia na Internet são também pagos (embora mais baratos que TV pornográfica ou sexo por telefone), de modo que o uso da Internet para esse fim não parece ser determinado pela economia da perversão. A privacidade e a

11 Site: Medium. Disponível em: <<https://medium.com/@brunagbenevides/afinal-homens-que-se-relacionam-com-travestis-ou-mulheres-transsexuais-s%C3%A3o-gays-f4fb525450a>>. Acessado em 10 de Dezembro de 2019.

ubiquidade parecem ser fatores decisivos. A Internet pornográfica pode ser acessada de qualquer lugar – particularmente do local de trabalho, muitas vezes uma deliciosa transgressão para o trabalhador descontente. (CASTELLS, 2003, p.161),

Embora nossa análise seja centrada no ‘Fórum Elite’, não poderíamos ocultar a importância do site ‘Avantajadas’. No decurso dos diálogos com os t-lovers, observamos que através de filmes e imagens, a correlação entre os sites contribui para despertar e alimentar desejos ocultos de ‘t-lovers iniciantes’. Ademais, não podemos nos furtar a observar que algumas proibições estritamente relacionadas ao plano real são consumidas com bastante intensidade no ciberespaço, conforme destaca Castells. Enquanto um ‘site que abre espontaneamente’ possibilita o acesso a fotos e filmes, o outro garante a possibilidade real do encontro. Uma combinação mais que perfeita!

A partir de Lipovetsky (2005), traçamos os paralelos entre o mundo virtual e as sensações apontadas pelos t-lovers de que ‘tudo é permitido’. É preciso ir cada vez mais longe, procurar dispositivos inauditos, novas combinações para uma livre utilização do corpo, ou mesmo, uma empresa independente do sexo que faz da pornografia, ao contrário do que dizem os detratores, um agente de despadroneamento e de subjetivação do sexo e pelo sexo, da mesma forma que todos os movimentos de liberação sexual. Na mesma perspectiva, Pelúcio (2007) diz que entre a tensão ‘do armário’ e o tesão, tido como instintivo e incontrolável, os t-lovers recorrem aos canais que construíram na internet para expressar suas angústias e tirar dúvidas.

Através do diálogo entre os autores anteriormente citados, conseguimos entender que a criação de uma comunidade ‘offline’ no ciberespaço tem a finalidade de proporcionar maior acesso às informações e, em conjunto, relatar as múltiplas experiências em programas com as prostitutas. Isso pode ser confirmado pela fala do t-lover Advogado que, já nos primeiros contatos que realizamos, afirmou que: “A busca por uma comunidade online que tratasse a respeito dos caras que saem com travestis - coisa que nunca encontrei no orkut, o local onde soube do fórum, quando comecei a participar”.

Por meio deste relato, podemos observar que o uso das comunidades virtuais por t-lovers é uma ferramenta que vem se reinventando com o passar do tempo e o desenrolar de novas tecnologias. Dessa forma, o Fórum Elite representa um estágio mais avançado da dinâmica de comunicação e, torna-se um canal capaz de possibilitar a troca de experiências entre homens que buscam formas para a concretização dos seus desejos mais secretos junto às travestis, sem que para isso precisem colocar em risco as reputações por eles criadas e mantidas nos chamados ‘espaços reais’. Nesse sentido, o site funciona como um canal de convergência e segurança, possibilitando aos t-lovers um sentimento de ‘adequação’ e até mesmo do que foi construído como ‘normalidade’¹², algo bem distante do discurso dominante reproduzido nos diversos contextos da sociedade cis-heteronormativa.

Tratando-se de um site ‘aglutinador’, como em boa parte das dimensões

12 Os sentimentos aqui tratados, ancorados nas falas dos entrevistados, são entendidos a partir de um contexto pautado pela cisnormatividade (VERGUEIRO, 2015).

espaciais, ele possui uma hierarquia e regras de uso, cria códigos e comportamentos a serem adotados por todos os usuários. No aspecto hierárquico, podemos observar que o site divide os t-lovers em três categorias: o moderador global, o frenético e o usuário comum¹³. Nesse sentido, esse espaço virtual é marcado por normas que orientam os foristas a utilizarem o site e evitarem conflitos. O não cumprimento dessas regras pode resultar na exclusão do participante da comunidade. Para Lévy (2000, p. 57),

só pode existir grupo orgânico se cada um dos membros sabe o nome dos outros. Nesse tipo de coletivo, as pessoas podem obedecer a regras, seguir tradições, respeitar códigos. No entanto, os princípios organizadores não estão fixados, reificados ou situados fora do grupo, pois são carregados pela comunidade constituída em corpo. Quando um membro orgânico realiza uma ação, os outros avaliam imediatamente como esse ato repercute em sua situação. Nesse caso, as pessoas sabem mais ou menos o que fazem juntas.

Ao refletirmos sobre os rebatimentos da virtualidade no território de prostituição, localizado no bairro da Glória, observamos que tem se concretizado outra estrutura de poder que pôde ser visualizada por nós através das regras de moderação, da capacidade de exclusão de membros, da hierarquização dos mesmos e até mesmo das novas formas de classificação e valoração dos programas, refletindo, portanto, o que estamos chamando de um processo de construção de ‘territórios no ciberespaço’.

Por território nos referimos não somente a uma área, mas também à determinada semiotização – que pode ser estudada como simbolização. Se tomarmos por base o pensamento de Bourdieu (1998), o território se refere a uma apropriação simbólica de determinado espaço, não necessariamente um físico, mas também a partir de fóruns marcados por hierarquias, regras e por uma estrutura de poder que se concretiza no ciberespaço, possibilitando a sua territorialização.

A partir desses territórios virtuais, podemos enxergar a organização, a dinâmica, as armadilhas, os riscos de diversos territórios de prostituição de travestis no Brasil e no mundo, possibilitando a troca de informações e criando uma ampla comunidade. Sobretudo, porque o fórum também tem a função de informar aos *t-lovers* sobre as diversas características do programa de uma

13 O moderador tem a finalidade de administrar os conflitos entre t-lovers ou t-lovers e t-gatas. Além disso, ele pode realizar mudanças na plataforma, apagar mensagens consideradas ofensivas e dar as boas-vindas aos novos membros. O frenético é o indivíduo que possui muitas experiências com as t-gatas, o que constantemente faz relatos sobre seus programas e expõe fotos realizadas durante os atos sexuais. O usuário comum, não menos importante, na maior parte das vezes, possui poucas experiências e utiliza o fórum para obter informações sobre os programas e os “pontos” das travestis, a partir dos relatos.

14 No fórum, através de relatos de t-lovers, as travestis podem ser classificadas como lista branca (LB) ou lista negra (LN). As t-gatas consideradas LB são aquelas que se destacam durante os programas através categorias instituídas por eles como: educação, higiene, satisfação dos clientes e pelo elevado nível de honestidade. Em contrapartida, as consideradas LN são as classificadas como desonestas, que não cumprem o horário do programa, que roubam ou ameaçam os clientes e as que são apontadas pelos clientes como pouco educadas. Existe, portanto, uma violência tanto na objetificação como na reprodução de estigmas que vão além e relacionam ao negro, mais uma vez, o que é considerado ruim.

travesti¹⁴, o local em que uma determinada prostituta se encontra no ‘espaço real’ e onde os programas podem ser concretizados. Ademais, os comportamentos e preferências sexuais das travestis e outras informações são também compartilhadas representando uma ampliação do comércio do prazer. Assim, acerca da cultura digital, por compreender similitudes especialmente no tocante à mercantilização também visualizada no fórum abordado, vemos que é possível traçar paralelos com as ideias de Mowlabocus (2015, p. 68):

A cibercarnalidade, então, coloca em evidência os processos de mercantilização que aparecem na cultura digital gay, já que lentes pornográficas através dos quais os corpos são representados on-line engendram questões de objetificação, produção de conhecimento e consumo.

Mesmo que não estejamos falando sobre cultura digital gay, observamos que ao mesmo tempo em que ciberespaço cria condições para que *t-lovers* troquem experiências e informações, da mesma forma possibilita que as travestis complexifiquem essas relações e utilizem o fórum como meio de ‘alavancarem’ a sua visibilidade. Embora as travestis não tenham a mesma influência de um moderador e sejam subalternizadas no que diz respeito às estruturas de poder no ‘Fórum Elite’, nesse espaço elas podem também ‘subverter as lógicas de poder’, por exemplo, fazendo propagandas, criando condições para o despertar de novos desejos e, conseqüentemente, ampliando a sua ‘carteira de clientes’. As vitrines antes restritas ao território localizado na Augusto Severo, ganham de alguma forma uma extensão através das telas.

Para legitimar a nossa análise, podemos destacar como exemplo a entrevista realizada com a travesti Pandora¹⁵, que por entender a importância das comunidades virtuais, recorreu a novas táticas para dinamizar o comércio do prazer e o valor do seu silêncio. Cabe ressaltar que a colaboradora já possuía uma centralidade no ‘território da rua’, e que segundo ela, este foi o espaço responsável por lhe proporcionar o aprendizado de diversas artimanhas que a tornaram capaz de promover a sua imagem e fazer-se a ‘grapette’¹⁶ desejada pelos *t-lovers*.

Sabendo que as imagens despertam desejos, Pandora percebeu que poderia utilizar as mesmas como forma de atração e exposição das suas performances sexuais. De forma simples, resolveu usar uma bicicleta ergométrica antiga durante uma relação sexual e a denominou de ‘Parque de diversões da Pandora’. Quando indagamos acerca da ideia sobre o parque de diversões a que ela tanto se referia no mundo virtual, obtivemos a seguinte resposta:

Eu tinha uma bicicleta ergométrica que estava encostada num canto da minha casa. Uma vez fiz um programa na minha residência e um t-lover resolveu sentar na bicicleta e empinar a bunda para eu comer.

15 Assim como fizemos com os *t-lovers*, optamos pela utilização de nomes fictícios com o objetivo de preservar a identidade das nossas interlocutoras.

16 Grapette é um refrigerante de 2 litros nos sabores uva/framboesa. A travesti Pandora apelidou o seu pênis de grapette e, desde então, ela utiliza o seguinte slogan: “quem senta na grapette sempre repete”.

Daí veio a ideia do parque de diversões da Pandora. Além disso, sou completa, faço o que eles querem e isso é o que importa. A diversão dos meninos.

Ainda chamamos atenção para outro mecanismo utilizado por Pandora. Conforme relatado por ela, outra forma de atrair os *t-lovers* é através da criação de contos eróticos e utilizá-los em forma de relatos no fórum. Ao questionarmos sobre o conto que ela criou relatando uma aventura sexual com um jovem em uma garagem durante o carnaval, ela prontamente respondeu: “nem todos são verdadeiros, claro” (ela afirma enquanto sorri) e, continua a conversa dizendo: “mas eu escrevo bem e crio mesmo, eles gostam, isso atíça a imaginação e os bezerros começam a me procurar. Eles adoram quando eu desperto suas curiosidades.”

Vivemos em uma sociedade marcada pela presença de signos que reproduzem diversas características e valores do indivíduo. Da mesma forma, a dinâmica do ciberespaço é capaz de criar e reproduzir símbolos e códigos que dão significados e visibilidade aos corpos e os tornam desejados. Através de Lévy (2000), observamos que todo real é passado para o lado do signo. “Os fatos, as pessoas, as obras são signos” (grifos do autor). E são tratados, reproduzidos, difundidos como tais. Assim, a exibição de fotos dos corpos de um *t-lover* e de uma travesti durante o ato sexual faz dos corpos um signo, que recebe atributos e valores na espetacularização da vida, ou segundo Sibilía (2008), do “*show do eu*”.

Além disso, observamos que da mesma forma que o fórum possibilita o despertar de desejos por meio de imagens e até mesmo contos, envoltos em enredos que misturam o pornô com as localizações das *t-gatas* e as classificações feitas dos programas, a obtenção de informações, por meio de relatos, não obedece relações horizontais de poder, visto que os moderadores, sendo homens, possuem o controle dos comentários e das possíveis exclusões deles, fazendo com que imperem as suas narrativas em detrimento das possíveis narrativas das *t-gatas*.

Como um dos principais rebatimentos dessas relações, observamos as classificações e avaliações feitas das prostitutas, bem como as denúncias relacionadas aos programas. O fórum traz em seu corpo inúmeros relatos realizados por *t-lovers*, denunciando travestis que se envolveram em problemas como roubo, uso de drogas e acordos com a polícia para deterem o *t-lover* na companhia da travesti. Através do ‘registro da ocorrência’, outros são encorajados a relatarem os problemas vivenciados durante o programa, fazendo com que as travestis denunciadas sejam constantemente evitadas no mundo virtual e no mundo real.

O sentimento de medo é recorrente na vida de diversos *t-lovers*. As questões denunciadas (agressões ou mesmo roubos) implicam principalmente no pavor de terem suas identidades desveladas, por exemplo, em uma delegacia. É importante lembrar que os *t-lovers* pagam não somente pelo programa, mas também pelo silêncio das travestis. Trazemos para o centro da cena, portanto, os rebatimentos morais em prol do ocultamento de suas identidades que muitas vezes são contraditas na defesa de suas formações familiares assumidas, as mesmas que ratificam os sentimentos conservadores e cisnormativos.

Assim, para Lévy (1996), a virtualização, em geral, é uma guerra contra a fragilidade, a dor, o desgaste. Em busca da segurança e do controle, perseguimos o virtual porque este nos leva para ‘regiões’ ontológicas onde os perigos ordinários não nos atingem. Nesse caso, observamos o ciberespaço como um lócus que possibilita a troca de informações e o aumento da segurança para a concretização de programas nos territórios de prostituição de travestis.

Assim, o ciberespaço, além de uma ferramenta utilizada para a aproximação entre *t-lovers*, funciona como um local que de forma sincrônica alimenta e dá novos sentidos e contornos ao ‘armário’, sem abdicar dos elementos expostos no “*show do eu*”, percebidos nas exposições, relatos, classificações e dinâmicas internas do grupo.

Após as análises sobre as representações do fórum para a compreensão da ‘identidade *t-lover*’, buscaremos fazer as correlações com os locais, onde as relações sexuais se concretizam, ou, nas palavras dos sujeitos, “onde a imaginação sai do plano virtual e torna-se algo real”. Para isso, conforme apresentamos na introdução, elencamos como recorte a Avenida Augusto Severo, no bairro da Glória, importante território da prostituição de travestis na cidade do Rio de Janeiro.

Do Mundo Virtual ao Mundo Real: A Influência do Ciberespaço na Dinâmica Territorial da Prostituição de Travestis na Avenida Augusto Severo – RJ

No ‘mundo real’, a Avenida Augusto Severo, com suas múltiplas territorialidades ao longo de 24 horas, é marcada diariamente, no período noturno, por um grupo de travestis que domina a rua marcando uma territorialidade, que se caracteriza por um conjunto de regras e normas que se impõem e demarcam sua presença no cotidiano.

Entendemos o território de prostituição como local marcado pelas violências e abjeções impostas aos corpos travestis, entretanto, é nesse mesmo local que observamos a criação de novas redes de solidariedade, reconhecimento, sobrevivência, aprendizados e da perpetuação de códigos linguísticos que ratificam a manutenção das relações de poder. Dessa forma, esse território passa a ter singularidades vividas espacialmente pelas travestis.

A construção de um território, segundo Souza (1995), é de vital importância para que um determinado grupo possa exercer controle, de modo a permitir a manutenção da atividade e realizar o exercício do poder, como forma de manter a ordem coletiva, além de defender o território de possíveis ‘invasores’, que constantemente são vistos como ‘inimigos’ e podem ameaçar a atividade em destaque. Para Ornat (2008), o território da prostituição travesti tem como um de seus elementos estruturantes a comunicação, tanto entre travestis, como entre travestis e clientes, policiais, moradores e demais grupos sociais.

Esses territórios rompem com a limitação do conceito, atrelado tradicionalmente ao Estado-Nação, encontrando na escala intraurbana um amplo campo de estudo que se propõe a destacar a ação dos atores. A finalidade principal é preservar identidades e práticas nesses contra-espacos, que atuam na metrópole de forma divergente, na medida em que buscam no

Ciberspaço, T-lovers e Travesti: A Emergência de Novas Dinâmicas no Território de Prostituição de Travestis no Bairro da Glória – RJ

igual e na reciprocidade dos símbolos o fim do anonimato, através da materialização na urbe de um lugar onde seja possível ir contra a lógica homogeneizante, transgredindo o socialmente correto e considerado normal, buscando manter a diversidade, conforme já sinalizavam alguns geógrafos.

A prostituição também é assim, corpos ocupam os espaços vitrines das ruas, colonizando significados. Nessa lógica, torna-se crucial a manutenção de territórios, com o objetivo de assegurar a perpetuação de uma atividade, como é o caso da prostituição de travestis, cuja localização pode ser observada na figura 1.

Figura 1 – Localização do Território da Prostituição de Travestis Bairro da Glória



Fonte: Autor, 2016.

17 “O primeiro princípio é que, provavelmente, não existe uma só cultura no mundo que não constitua heterotopias. Eis aí uma constante de todo grupo humano. Contudo, as heterotopias assumem evidentemente formas muito variadas, e talvez não se encontre uma única forma de heterotopia que seja absolutamente universal” (FOUCAULT, 2013, p. 116).

Ivan Ignácio Pimentel, Ana Carolina Santos Barbosa

O ciberespaço, por sua vez, estabelece novas territorialidades na sociedade contemporânea, dado que é um espaço virtual – ainda que mediado por ‘espaços reais’, materiais. Em certo sentido, o ciberespaço é uma heterotopia¹⁷, tal qual analisada por Foucault (2013), de forma que propicia tanto uma ruptura de espaço, quanto uma ruptura de tempo.

Assim, mesmo que a prostituição, no caso deste trabalho, se concretize nas ruas com base na dimensão territorial concreta, sabemos que o ciberespaço consegue reunir e reorganizar várias dimensões desta materialidade. Dessa forma, não podemos desconsiderar a capacidade que os *t-lovers* possuem de virtualizar e até mesmo reterritorializar as ruas, criando novas tensões em um local tradicionalmente controlado pelas travestis. Com isso, observamos que para Castells (2003, p. 195),

ambientes físicos e cenários virtuais funcionarão de maneira interdependente e na maioria das vezes se complementarão mutuamente dentro de padrões existentes. Algumas vezes usaremos redes para evitar de ir aos lugares. Outras, porém, continuaremos indo a lugares para nos interconectarmos.

Através do autor citado, entendemos que no contexto atual da sociedade, o ciberespaço tem contribuído para a criação de múltiplas conexões e, conseqüentemente, novas redes de negociação e outras formas de relações sociais. Em face da importância dos espaços virtuais, seria insuficiente tentar entender o território de prostituição da Avenida Augusto Severo através de uma análise que restringisse o mesmo somente ao que é estabelecido no plano físico, desconsiderando os entrelaçamentos infoviários que atualmente, fazem parte daquele cotidiano.

Pensar geograficamente as novas espacialidades com o advento do ciberespaço, pode ser uma reflexão inicial para entendermos outros desdobramentos do “comércio do prazer e do silêncio”, envolvendo *t-lovers* e travestis. Embora o espaço virtual simbolize diretamente o abstrato, consideramos relevante destacar que as ações experimentadas ali estão vinculadas a um espaço real, criando novas formas de negociação e conhecimento territorial

Essa nova dinâmica também pode ser entendida pelas descrições espaciais elaboradas pelos *t-lovers*, com o objetivo de localizar determinadas t-gatas. Por exemplo, o relato de um ‘*t-lover* frenético’ tem muita influência e desperta o interesse de diversos membros do grupo, pois o sujeito que ocupa o topo da hierarquia, inevitavelmente já conhece as diversas artimanhas das ruas e privês, por isso, ao fazer um relato sobre uma t-gata, os demais membros elaboram ‘mapas mentais’ buscando a localização da travesti no território de prostituição.

Nesses mapas, os clientes trazem para o ciberespaço a localização exata de uma travesti no território de prostituição, destacando seu nome, roupas que costuma vestir, seus atributos físicos, horário de chegada e saída, as características do seu programa e o principal: valorações que envolvem as já tratadas classificações entre “lista branca ou lista negra”.

A figura 2 pode representar um exemplo de localização de uma t-gata, que somada às descrições feitas no fórum, alteram a dinâmica da própria atividade

Ciberspaço, T-lovers e Travesti: A Emergência de Novas Dinâmicas no Território de Prostituição de Travestis no Bairro da Glória – RJ

de prostituição. A dinâmica muda, pois agora existe a procura por uma t-gata específica em função de uma imagem construída virtualmente. O desejo e a expectativa de prazer começam a ser construídos nos fóruns e são concretizados nas ruas.

A localização exata da travesti Maça, exemplifica uma tentativa de relacionar as descrições feitas no fórum a sua localização no 'território concreto'. Ao lermos os relatos sobre ela, constatamos que se tratava de um dos programas mais comentados positivamente naquele ambiente e resolvemos procurá-la seguindo as referências do fórum. Em virtude da travesti destacada ser considerada uma 'top' da avenida e ser desejada por muitos *t-lovers*, somente a encontramos e realizamos nossa entrevista na terceira tentativa.

Figura 2 – Localização da travesti Maça



Fonte: Autor, 2016.

Ao pensar os espaços ocupados por corpos específicos por meio da correlação entre os relatos do fórum e o trabalho de campo, entendemos que os corpos presentes no espaço de prostituição deixam suas marcas impressas e são refeitos a partir das aprendizagens tecidas naquele cotidiano, constituindo e sendo constituídas pelo espaço. O ‘georreferenciamento’ de uma travesti em um território marcado pela presença de muitas travestis faz dela um “ponto único em meio à batalha¹⁸”, dando visibilidade ao ser e ao prazer.

Embora Lévy (1996) diga precisamente que o conhecimento e a informação não são ‘imateriais’ e sim desterritorializados, por estarem longe de qualquer aprisionamento e circularem rapidamente por todo o planeta, ressaltamos que mesmo diante da desterritorialização de informações, na comunidade de *t-lovers* elas são construídas levando em consideração os recortes do território de prostituição e, mesmo que esse mapa alcance o outro lado do planeta, essas informações permanecem territorializadas, fornecendo suportes para que um *t-lover* carioca possa realizar programas em qualquer parte do Rio de Janeiro ou do Brasil.

O ‘mapear e dialogar’ com a rua no ciberespaço proporcionou às comunidades virtuais uma grande influência na dinâmica do mundo real. Dessa forma, no que diz respeito à territorialidade, defendemos os pressupostos iniciais de que as travestis definem e influenciam na dinâmica territorial, conforme muitos geógrafos vêm defendendo desde a década de 1990.

Entretanto, diante do atual contexto social e tecnológico, torna-se importante observarmos outros atores sociais que possuem a capacidade de reinvenção das dinâmicas atreladas à instituição do território de prostituição no ciberespaço e na rua, criando outras perspectivas e novas tramas. Assim, segundo Massey (2013, p. 106):

Tanto o espaço quanto o tempo estão em jogo aqui. As especificidades do espaço são um profundo de inter-relações – conexões e desconexões – e seus efeitos (combinatórios). Nem sociedade nem lugares são vistos como tendo qualquer autenticidade atemporal. Eles são e sempre foram interconectados e dinâmicos.

Através de Massey (2013), entendemos que os espaços são dinâmicos e integrados, o que nos permite traçar paralelos por meio de diálogo para entender que o ciberespaço e o ‘espaço real’ se constroem e se reconstróem constantemente de forma interligada e conjunta. Sendo os *t-lovers* e as *t-gatas* atores pertencentes ao território de prostituição, de forma mútua interagem e criam uma interdependência, à medida que suas existências são interligadas e convergem numa trama que envolve o jogo de interesses na comercialização do corpo e na satisfação de desejos.

Por fim, sabemos que as práticas sexuais comerciais levam à ocupação de uma determinada porção do espaço para a realização e manutenção de tal atividade – o território de prostituição. Entretanto, com o advento de fóruns especializados e a ciberespacialização dos territórios de prostituição, a correlação entre espaço virtual e espaço real tem promovido novas dinâmicas espaciais, tensões e outras possibilidades de influência territorial. Dessa forma,

18 O termo batalha é constantemente utilizado pelas travestis para se referir a atividade de prostituição.

a estrutura de poder exercida pelas que ‘batalham’ diariamente no espaço físico, atualmente tem sofrido impactos e tem promovido novas experiências por conta da presença da rua no espaço virtual, que é criado, vivido e controlado por outros atores sociais, os t-lovers.

Eis um desafio para a Geografia, o qual consiste em se debruçar, diante da existência de uma nova dimensão espacial (o virtual) que tem influenciado de forma intrínseca nas múltiplas relações e territorialidades existentes nos diversos espaços concretos ocupados pelos nossos corpos.

Para não Concluir

Ao longo deste artigo, procuramos analisar a construção de ‘territórios virtuais’, a partir de *t-lovers*, ou seja, frequentadores de áreas de prostituição de travestis. Para nós, o advento desses territórios no ciberespaço tem proporcionado novas relações de poder, tendo em vista que os *t-lovers* passam a participar diretamente da dinâmica da rua, embora a territorialidade do plano físico continue a ser dominada pelas travestis.

Longe de esgotar o debate sobre a criação de comunidades virtuais, territórios de prostituição e conflitos existentes no meio urbano com populações classificadas como transgressoras (no contexto da cisnormatividade), acreditamos que, diante de tantas mudanças presentes no cotidiano da sociedade, tornar o ciberespaço mais legível aos olhos do leitor é apenas uma tarefa inicial diante dos novos desafios que influenciam diretamente no processo de construção e controle do espaço geográfico.

Referências

- BADINTER, Elisabeth. **XY: Sobre a Identidade Masculina**. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- COSTA, Jurandir Freire. **A Face e o Verso: Estudos sobre o Homoerotismo II**. São Paulo: Escuta, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988,
- FOUCAULT, Michel. De Espaços Outros. **Revista Estudos Avançados**, v. 27, n. 29, p. 113 - 122, 2013.
- GUIMARÃES JR., Mário José Lopes. O Ciberespaço como Cenário para as Ciências Sociais. In: IX CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, Porto Alegre (RS), 1999. Disponível em: <https://cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber_cenario.html>. Acesso em: 20 de outubro de 2014.

HAESBAERT, Rogério. **Regional Global**: Dilemas da Região e da Regionalização na Geografia Contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

KEEN, Andrew. **Vertigem Digital**: Por que as Redes Sociais Estão nos Dividindo, Diminuindo e Desorientando. Tradução: Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**: Por uma Antropologia do Ciberespaço. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**: Ensaio sobre o Individualismo Contemporâneo. São Paulo: Editora Manole, 2005.

MAFESSOLI, Michel. **O Tempo das Tribos**. O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: Uma Nova Política da Espacialidade. Trad. Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MASSEY, Doreen. Um Sentido Global do Lugar. In: ARANTES, Antônio A. (org.) **O Espaço da Diferença**. Campinas: Papyrus, 2000 (1991).

MOWLABOCUS, Sharif. Cultura do Gaydar: Torcendo a História da Mídia Digital na Grã-Bretanha do Século XX. In: PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloísa; SABATINE, Thiago (orgs). **No Emaranhado da Rede**: Gênero, Sexualidade e Mídia, Desafios Teóricos e Metodológicos do Presente. São Paulo: Annablume Editora, 2015.

ORNAT, Márcio José. **Território da Prostituição e Instituição do Ser Travesti em Ponta Grossa – Paraná**. 2008. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná.

ORNAT, Márcio José. **Território Descontínuo e Multiterritorialidade na Prostituição Travesti Através do Sul do Brasil**. 2011. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

PELÚCIO, Larissa. Sexualidade, Gênero e Masculinidade no Mundo dos T-lovers a Construção da Identidade de um Grupo de Homens que se Relacionam com Travestis. In: XII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. 2005A, Belo Horizonte – MG. **Anais...** p. 1–33. Disponível em: <<http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/tloversconstrucaodeidentidaderecente.pdf>>. Acesso em 10 de maio de 2017.

PELÚCIO, Larissa. Toda Quebrada na Plástica: Corporalidade e Construção de

Gênero entre Travestis Paulistas. **Campos - Revista de Antropologia Social**, v. 6, n. 1 - 2, p. 97 - 112, 2005.

PELÚCIO, Larissa. **Nos Nervos, Na Carne, Na Pele: Uma Etnografia sobre Prostituição Travesti e o Modelo Preventivo de AIDS**. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFSCar, São Carlos (SP).

REBS, Rebeca da Cunha Recuero. **O Lugar no Espaço Virtual: Um Estudo Etnográfico sobre as Recriações de Territórios do Mundo Concreto no Second Life**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. Territórios da Prostituição nos Espaços Públicos da Área Central do Rio de Janeiro. **Boletim Goiano de Geografia**. Goiania, v. 15, p. 57 - 79, 1995.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário. Tradução: Plínio Dentzien. **Cadernos Pagu**, v. 28, p. 19 - 54, 2007.

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu: A Intimidade como Espetáculo**. São Paulo: Record, 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O Território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; COSTA GOMES, Paulo César da; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 77 – 115.

VERGUEIRO, Viviane. **Por Inflexões Decoloniais de Corpos e Identidades de Gênero Inconformes: Uma Análise Autoetnográfica da Cisgeneridade como Normatividade**. 2015. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Sites

BENEVIDES, Bruna G. Afinal, homens que se relacionam com travestis ou mulheres transexuais, são gays? Medium. 03 de Agosto de 2019. Disponível em: <<https://medium.com/@brunagbenevides/afinal-homens-que-se-relacionam-com-travestis-ou-mulheres-transexuais-s%C3%A3o-gays-f4fb525450a>>. Acessado em 10 de Dezembro de 2019.

Fórum Elite Acompanhantes. Disponível em: <<https://eliteacompanhantes.com.br/forum/index.php>>. Acessado desde Maio de 2013 até os dias atuais.

Recebido em 13 de março de 2020.

Aceito em 29 de maio de 2020.

Ivan Ignácio Pimentel, Ana Carolina Santos Barbosa

